


## **A imprensa escrita e a espacialidade das trocas amorosas femininas em Desterro / Florianópolis (1850-1930)**

**Odila Rosa Carneiro da Silva**

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, Santa Catarina


 <https://orcid.org/0000-0002-9677-9391>

E-mail: [odilarosacarneiro@gmail.com](mailto:odilarosacarneiro@gmail.com)

**Renato Tibiriçá de Saboya**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 2

 <https://orcid.org/0000-0003-4631-1413>

E-mail: [rtsaboya@gmail.com](mailto:rtsaboya@gmail.com)

**Resumo:** O caráter sexuado do espaço é, por vezes, negligenciado quando da leitura da evolução da paisagem urbana, resultando em consensos forjados que colaboram para a homogeneização do conteúdo representacional de nossas cidades. Como reação, o presente trabalho, ao explorar as relações entre as mulheres e as cidades, discute a maneira como moças da elite, por meio de seus relacionamentos amorosos, fizeram-se presentes na paisagem urbana. Para tanto, estudamos a cidade de Desterro / Florianópolis, no período de 1850 a 1930, baseando-nos em notícias veiculadas em jornais. Essas passagens, coletadas por meio de consultas a 20.959 números de jornais, revelavam namoros envolvendo essas mulheres e vinham acompanhadas de seus endereços, os quais foram espacializados na malha urbana. Como resultado, discutimos localidades de maior ou menor efervescência dessas trocas amorosas, correlacionando-as com a conformação material e imaterial da paisagem urbana da época. Com isso, pretendemos evidenciar a posição dessas mulheres como interventoras na dinâmica urbana, ampliando a representatividade da história urbana local.

**Palavras-chave:** Memória urbana; Cotidiano; Relacionamentos amorosos; Territorialidades femininas; Representatividade.

### **Women's press and the spaciality of the female love exchanges in Desterro / Florianópolis (1850-1930)**

**Abstract:** The sexed feature of space is, sometimes, neglected in the reading of the evolution of the urban panorama, resulting in fabricated consensus that cooperate to the homogenization of the representational content of our cities. As a reaction to that, this paper, by exploring the relationship between women and cities, discusses the way elite ladies, through their romantic relationships, made themselves present in the urban scenery. Therefore, we study the city of Desterro / Florianópolis, from 1850 to 1930, based on newspaper news. These passages, collected through consultation of 20959 newspaper issues, revealed love relationships involving these women containing their addresses, which were spacialized in the urban space. As a result, we discuss places with bigger or smaller effervescence of these romantic exchanges, correlating them with the material and imaterial form of the urban scenery of the time. With that, we intend to point out the position of these women as interveners in the urban dynamics, broadening the representativeness of the local urban history.

**Keywords:** Urban memory; Everyday life; Love relationships; Female territoriality; Representativeness.

**Texto recebido em: 23/03/2021**

**Texto aprovado em: 24/08/2021**

## Introdução

Desterro cheia de gente e as janellas<sup>1</sup>, ornadas de colxas de seda,  
estavam cheias de senhoras bem vestidas.

*O Progressista*, edição 1 de 1860.

Tal qual um palimpsesto, inúmeras dinâmicas, temporalidades e materialidades se sobrepõem para definir aquilo que percebemos como paisagem urbana (WILSON, 1992). Sua leitura é feita como a de um texto e, assim como o entendimento de uma sequência de palavras está sujeito à existência de signos e símbolos, e a cidade, ou o ambiente urbano, também possui mensagens que não necessitam do campo do visível, mas estão incrustadas em nosso “*inconsciente coletivo*” (FERRARA, 2004, p. 38). Então, a dimensão da paisagem relacionada à memória, ao basear-se em interpretações do passado, resulta no processo em que o espaço se torna lugar, trazendo à superfície os saberes e fazeres humanos que o fundamentaram (HALBWACHS, 1990),

No entanto, no processo de resgate dessa memória, técnicos e historiadores, por muito tempo, ignoraram a participação das “minorias” no ambiente urbano, negligenciando sua colaboração para a construção de nossas cidades. Nesse sentido, Hayden (1995, p. 8) questiona “por que tão poucos momentos da história das mulheres são lembrados como parte constitutiva do patrimônio e da memória?”. Para ela, ao se priorizar a preservação com base sobretudo em princípios estéticos, o conteúdo que impulsiona a memória social resta incompleto e parcial e, com isso, o senso de pertencimento à cidade, para aqueles que não se veem representados, fica enfraquecido. Esse exercício de “inclusão” do feminino enquanto categoria de análise, e mais ainda enquanto sujeito ativo em qualquer processo histórico (RAGO, 2012, p. 18), demonstra “potencialidades outras” para se contar a história de nossas cidades.

Apesar da inquietação, a potencial recuperação de histórias urbanas femininas esbarra na escassez das fontes (PERROT, 1998), na parcialidade com que

eram representadas (WILSON, 1992), na subalternidade da temática em relação à pesquisa histórica e, sobretudo, no fato de que a presença feminina no espaço público, condição necessária à intervenção, estava sujeita a supervisões constantes que, potencialmente, reduziam as possibilidades de uma atuação feminina autêntica. Tal dinâmica ocorre porque o gênero, enquanto relação assimétrica, impõe comportamentos distintos para homens e mulheres, restando para estas a representação de um papel voltado ao lar, ao matrimônio e à família, que silencia sua participação na esfera pública, algo como “para os homens a rua, para as mulheres o interior controlado” (MUXÍ, 2018, p. 12).

Sobre essa lacuna, Risério (2015, p. 44) comenta que “mulheres não definiam alicerces. Não estabeleciam paredes. Nem desenhavam fachadas. Limitavam-se a habitar o ambiente previamente delimitado (...) a aceitar desenhos e prédios masculinos”. No entanto, se imaginarmos que o espaço também se produz por meio da atuação cotidiana dos indivíduos (LEFEBVRE, 2006) e que “corpo e cidade se configuram mutuamente” (JACQUES, 2014, p. 114) reivindicamos que, mesmo com intervenções ditas secundárias e informais, as mulheres articularam estratégias para se fazerem presentes na memória urbana. Essa afirmação é pode ser potencializada, também, pela afirmação de que os corpos femininos são carregados de significado (BONDI, 1992).

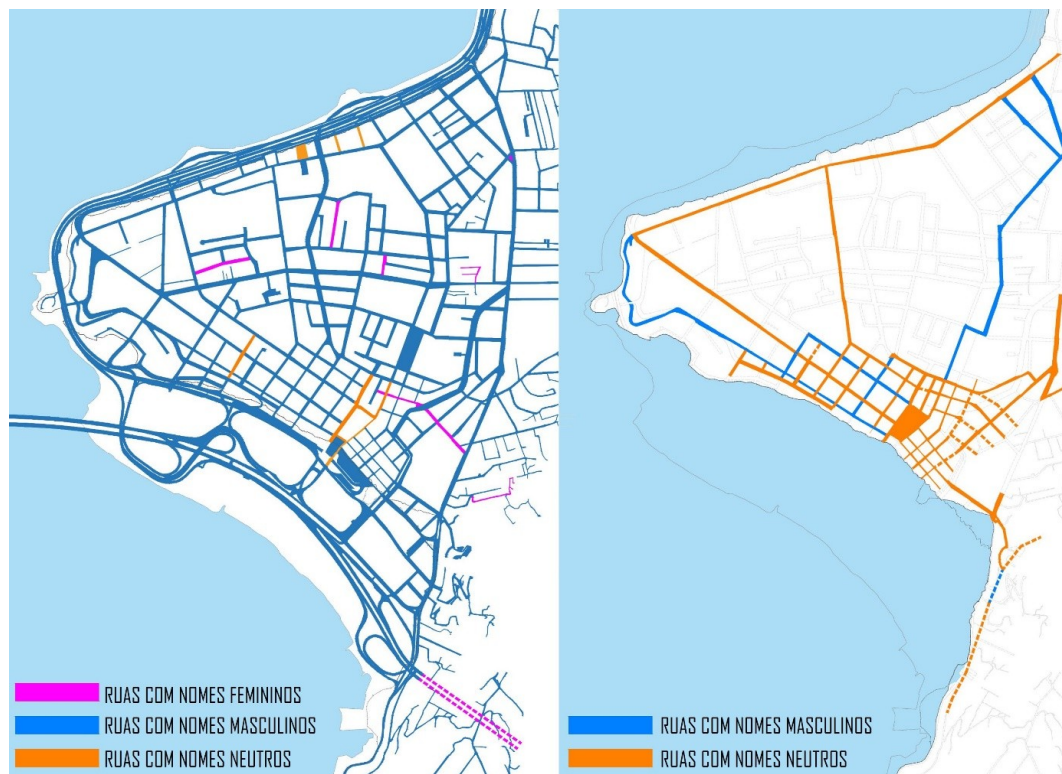
O presente artigo, então, resgata contribuições femininas – autênticas ou normatizadas, ou seja, ações espontâneas femininas ou comportamentos impostos pelas normativas de gênero - à construção da paisagem urbana de Desterro / Florianópolis. Tal como uma reivindicação de coautoria feminina quanto à sua construção, esse anseio contribuiria como resistência à presumida ideia de que, conforme sugere Meyer (1996), o ambiente urbano seria de produção essencialmente masculina. Imaginamos que tais aportes subsidiariam, potencialmente, uma interação e percepção plena das mulheres em relação à paisagem urbana, em virtude de revelar-lhes, como sugere Hayden (1995), sua representatividade.

De modo a ilustrar a ausência de referências femininas à produção do espaço urbano em Desterro / Florianópolis, sugerimos a observação das imagens da Error: Reference source not found, as quais apresentam os nomes das ruas classificados segundo o gênero masculino ou feminino, bem como neutro, para os anos de 2021, à esquerda, e 1819, à direita. As imagens sugerem o quanto o processo de nomear lugares pode ser uma ação pouco inocente, sobretudo se considerarmos sua

influência frente à perenização da memória. A análise antropotoponímica, como é chamada, tem por objetivo destrinchar esse processo de dar nomes a lugares, revelando as intrincadas influências às suas eleições, comumente associadas às personalidades representativas social e politicamente (COSTA; SEABRA; SANTOS, 2014). Nesse sentido, os mapas da Error: Reference source not found demonstram o enfraquecimento de alusões a nomes femininos - se comparadas ao masculino - junto a essas redes de poder, bem como o acirramento da assimetria entre ambos com o passar do tempo, visto que no mapa mais antigo se sobressaem nomes tidos como neutros.

Então, de modo a reagir a essa ausência de referências, o presente artigo procedeu com uma busca em jornais de circulação local,<sup>2</sup> dos quais extraímos passagens que revelassem correspondências entre mulheres e lugares específicos em Desterro / Florianópolis. Tal base de dados se mostrou apropriada pelo fato de que os jornais que ali circularam foram fundamentais na normatização do comportamento feminino, uma vez que o acirramento das disputas políticas dependia também da virtude das mulheres de elite, sobretudo quanto à sua desenvoltura frente à esfera pública (MORGA, 2017; PEDRO, 1992). Com jornais de curta ou longa duração, os periódicos em Desterro veiculavam informações, anúncios, notas oficiais e reclamações, bem como fofocas e relatos banais (MÜLLER, 2002), assim como enalteciam mulheres que agiam com decoro, ou condenavam aquelas que transgrediam as regras. Quanto ao alcance dos jornais perante a população, Pereira (1996) aponta uma circulação restrita, tendo em vista a então pequena porcentagem de pessoas letradas.

O recorte temporal proposto compreende o período de 1850 a 1930, o qual foi dividido em quatro temporalidades menores, de modo a subsidiar as análises. Como justificativa à data de início, baseamo-nos na afirmação, conforme Coradini (1995), de que a partir dessa data a população local passou a experimentar uma maior complexidade nas relações sociais e espaciais – oportunizadas por equipamentos de lazer como teatros, cinemas, cassinos e clubes. Esses novos hábitos citadinos teriam contribuído para o aperfeiçoamento dos modos femininos frente à cidade. Quanto à data de 1930 como limite, apoiamo-nos na noção de que após a inauguração da Ponte Hercílio Luz, ocorrida em 1926, Florianópolis perde sua escala local, bem como a característica de cidade provinciana (CORRÊA, 2005). A conexão mais ágil entre a ilha e o continente trouxe, então, mudanças abruptas em relação ao contexto anterior.



**Fonte:** Elaboração própria sobre base cartográfica da Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF, 2018) e dados do arruamento de Veiga (1993).

**FIGURA 1**

**Arruamento de Florianópolis:  
ruas com nomes masculinos, femininos e neutros**

À esquerda, mapa do ano de 2021, à direita mapa do ano de 1819<sup>3</sup>

Foram consultados 20.959 números de jornais, distribuídos de forma relativamente homogênea frente à temporalidade proposta ao estudo.<sup>4</sup> A consulta a esses periódicos ocorreu tanto por meio da busca por palavras-chave<sup>5</sup> quanto pela leitura dos jornais, sendo que esta correspondia a uma avaliação preliminar da estrutura de cada exemplar e a posterior leitura de seções<sup>6</sup> com maior potencial às espacialidades femininas. Tais *ocorrências* – ou seja, a associação entre mulheres e localidades específicas – eram consequência do processo de reflexo e reforço da interação entre mulheres e o ambiente urbano e, portanto, não caracterizam uma atuação autenticamente feminina. Apesar disso, têm o potencial de compor um conteúdo representacional capaz de elucidar as expectativas comportamentais dessas mulheres frente ao espaço.

Conforme sugere Massey (2008, p. 68), para entender a dimensão relacional de diferentes acontecimentos “tem de haver, necessariamente, espacialização”. Por esse motivo, as ocorrências extraídas dos jornais foram transpostas para o mapa da evolução urbana de Desterro / Florianópolis. O mapa que serviu de substrato a essa espacialização foi construído com base em antigas representações da cidade, sobre as quais foi compilada a evolução do (i) *arruamento*<sup>7</sup> e das (ii) *edificações*<sup>8</sup>, identificadas pela variação das escalas de cinza.

A região da Ilha de Santa Catarina escolhida para o primeiro assentamento, que ocorreu na metade do Século XVII, foi a sua porção interna, voltada para o continente. O território estava, conforme Error: Reference source not found, condicionado a leste pelo Morro da Cruz (“d”) e pelas Baías Norte e Sul (“c” e “b” respectivamente), sendo em frente a esta última onde estavam sua praça principal, a Praça XV de Novembro (“a”), e suas primeiras edificações (CORADINI, 1995). Até a metade do século XIX, esse adensamento inicial manteve-se contido a essa primeira aglomeração (VEIGA, 1993). Sua expansão em direção à Baía Norte ocorreu apenas a partir de 1850, de maneira bastante lenta. Ainda assim, é possível afirmar que as porções sul e norte do território mantiveram identidades específicas, visto que na primeira estavam concentrados as moradias e o comércio, e na segunda predominavam as residências de descanso das elites (CABRAL, 1979).



**Fonte:** À esquerda, *Planta Topographica da cidade do Desterro – 1876* [PMF (2020)]. À direita, acima, *Vista de Desterro, 1827*, de Jean-Baptiste Debret [ROVARIS (2018)]. *Vista de Florianópolis a partir do Morro da Cruz, década de 1930* [UDESC, 2020]. Imagens adaptadas pelos autores.

## FIGURA 2

### Caracterização de Desterro / Florianópolis



### **Territorialidades amorosas femininas**

Nos jornais consultados, percebemos a recorrência de passagens que associavam mulheres a localidades específicas, como em “a menina da Praia de Fora”<sup>9</sup> ou a “Menina da Fernando Machado”<sup>10</sup>. Deprendemos, então, que se tratavam, pelo contexto no qual estavam inseridas e pela linguagem explícita, de acusações de namoros entre as moças e os rapazes de Desterro. Escritas pelos próprios rapazes em questão, tais passagens eram como recados que, desejando chamar a atenção das moças, utilizavam-se do seu local de residência para que a mensagem alcançasse a pretendida, sem que para isso fosse necessário explicitar seu nome.

Identificamos que tais *ocorrências*, mais do que revelar o endereço das moças, teriam o potencial de materializar, frente ao território, os locais onde transcorriam as manifestações desses namoros, posto que a maneira como estes ocorriam pressupunha que as moças, posicionadas à janela, interagissem com os rapazes que estariam nas ruas ou calçadas, de onde podiam admirar suas pretendidas. Portanto, para o presente trabalho, tais relatos serão entendidos como reveladores de dinâmicas amorosas às janelas, ideia corroborada por passagens que deixavam explícito tal costume, como em uma descrição na qual um “jovem J.P. conversa animadamente com o F.S. enquanto as suas pequenas se conservam na janela”.<sup>11</sup> Percebemos também que esses relatos se direcionavam, em sua maioria, às mulheres brancas pertencentes à elite local. Quando se tratava de mulheres pobres ou negras, essa referência era feita de maneira assertiva, como sugerido em “conversar com uma mulatinha na Rua T...”<sup>12</sup> ou “costumam ali estar altas horas da noite conversando com criadas, que são em número de três”.<sup>13</sup>

Ainda, tal comportamento nos pareceu ser algo relevante ao imaginário da época, não somente pela recorrência com que apareciam nos jornais ou por representarem futuros enlances matrimoniais de manutenção da elite local, mas por sua representatividade frente às dinâmicas urbanas. Ou seja, tais acontecimentos podiam não se deter à brevidade de acenos ou trocas de olhares, podendo também chegar ao ponto de uma delonga, como sugerido em “certas moças não sahem das janellas”<sup>14</sup> e “andar dous anos namorando da rua – de dia e de noite, exposto a chuvas e paoladas”.<sup>15</sup> Ou ainda, podiam incorporar atitudes ousadas, como “certas moças, sentadas em cima da janella, somente para verem os namorados ao longe”<sup>16</sup> ou ainda “da namorada querer içar o namorado pela janella”.<sup>17</sup>

Vale ressaltar que os discursos relativos aos namoros nas janelas, presentes nos jornais, não eram uníssonos. Ainda que prevalecesse uma linguagem de condescendência, por vezes a ironia era substituída por uma linguagem depreciativa em relação às moças envolvidas, como “a moça da Rua Bocayuva que diz fazer macaquices para o Lulú Carv... quando ele passa”,<sup>18</sup> ou ainda uma notícia que pede a “uma moça moradora à Rua da Carioca, o favor de que não grite tanto quando falar com o seu namorado”.<sup>19</sup>

Sobre a potencialidade das janelas, ainda, a história das mulheres há muito reivindica tal espacialidade como interface entre as mulheres da elite e o espaço urbano. Então, alpendres, varandas e balcões, por se tratar de espaços semiprivados, proporcionavam às mulheres vislumbrar a esfera pública, como que remediando o comportamento, nas palavras de Sennett (2014, p. 431), quanto ao “retraimento feminino em relação ao mundo exterior.” As imagens constantes na Error: Reference source not found demonstram como essas “brechas nas edificações” representavam um substrato gradativo. À esquerda, uma mulher observa a rua, como que monitorada pelo esposo. Ao centro, o exemplo brasileiro do muxarabi, que impunha obstáculos entre as mulheres e a civilização, resguardando “o belo sexo” (RISÉRIO, 2015, p. 217).



Fonte: À esquerda, *View Through a Balcony Grill*, Gustave Caillebotte 1880 [PERROT (1998)]. Ao centro, *Aqueduto de Matacavalo*, Karl Wilhem von Thiermin, 1842 [ITAÚ CULTURAL (2021)]. À direita, *La Mode Illustrée - Journal de la Famille*, 1860 e 1864 [KESSLER (2008)].

### FIGURA 3

#### Janelas como espaço mediador entre as mulheres e a cidade

Já à direita, trazemos a provocação sugerida por Kessler (2008), de que o uso do véu, pelas mulheres que circulavam pelas ruas na Paris de Haussmann, nada



mais era do que um dispositivo articulado de modo que a figura feminina não estivesse exageradamente exposta. Nesse sentido, funcionava tal qual as cortinas de uma janela que, ao mesmo tempo que protegiam da poeira em suspensão no ar decorrente das demolições, cerceavam e moldavam o olhar feminino sobre a cidade.

De modo a verificar a coerência de tal dinâmica à realidade de Desterro / Florianópolis, procedemos com a leitura do romance “Dom João de Jaqueta”, ambientado localmente e escrito por Horário Nunes Pires (1984). Publicado inicialmente nos folhetins da imprensa local, também em fins do século XIX, o romance narra os arranjos, assim como os caprichos, casamenteiros de Rosalina, uma jovem recém-chegada na capital. Ao longo do texto são recorrentes as menções à janela como ferramenta de seus jogos amorosos, como em “a Rosalina (...) está sentada perto de uma janela olhando para fora”. Quanto à janela como recurso às dinâmicas amorosas, o autor é explícito em relação ao incômodo de alguns de seus personagens em relação ao “inconveniente de deixarem as moças conversar à janela com os rapazes e vice-versa” (1984, p. 76).

Apesar da validação apoiada na literatura, é necessário relativizar a validade das narrativas trabalhadas. Em primeiro lugar, reforçamos que tais relatos foram escritos por homens – talvez convenientes aos seus interesses devido às redes de influência – ficando ausente a oportunidade de expressão, e talvez contestação, feminina quanto à temática. Com isso, não é possível afirmar que tais passagens tinham o consentimento das moças, tanto na recusa aos pretendentes em si quanto em fazer parte dos jogos amorosos às janelas. Tampouco é possível proclamar que tal dinâmica fosse agradável às envolvidas, como sugerem algumas passagens recolhidas, a exemplo de uma que comenta que as moças locais “depois do jantar preparavam-se e iam a janela apreciar a passagem dos engrossadores”,<sup>21</sup> mesmo porque tal consentimento poderia representar, tal qual sugere Chartier (2009, p. 51), a necessidade de “pertinência a uma comunidade”.

Apesar disso, para o presente trabalho, entendemos que tais ocorrências descrevem, mesmo que por meio de insinuações, uma dinâmica que correlaciona mulheres a lugares, sem com isso afirmarmos que se trate de fatos validados pelas partes envolvidas, tanto pelas figuras femininas quanto masculinas. No entanto, sugerimos que a insistência dessas narrativas tenha contribuído para a perenização dessas dinâmicas na memória coletiva, tendo como consequência influenciar a paisagem urbana local, posto que esta não faz juízo de valor no momento de assimilar os discursos sobre ela negociados.

De modo a iniciar a argumentação quanto à representatividade da presença feminina às janelas em Desterro / Florianópolis, recorreremos à provocação gerada pelas imagens constantes na *Error: Reference source not found*, as quais mostram figuras femininas assumindo tais posições. À esquerda, as vemos observando a rua, junto ao andar superior de um sobrado. À direita, a partir de uma porta – que provavelmente dá acesso à residência no andar superior – duas meninas observam certa movimentação masculina, talvez surpresas com uma desenvoltura espacial negada a elas. Em ambas as imagens, as mulheres retratadas ocupam o lugar próprio a elas, pois “a família, em especial a família da classe média, deveria ser absolutamente protegida do frêmito do mundo exterior” (SENNETT, 2014, p. 219). Nas duas imagens vemos representações de barreiras: para as mulheres do piso superior uma barreira física – representada tanto pelo peitoril quanto pela distância até o nível da rua – e para as meninas uma barreira psicológica, como se a soleira da porta fosse um limite quase intransponível. Isso porque “não se pode misturar o espaço da rua com o da casa, sem criar alguma forma de grave confusão” (DAMATTA, 1987, p. 54).



Fonte: GERLACH (2015). Adaptadas pelos autores.

#### FIGURA 4

#### Edificações assobradadas à Rua Conselheiro Mafra

Ambas as edificações se situavam na Rua Altino Correia, atual Rua Conselheiro Mafra.

Apreendidas as circunstâncias que envolviam as dinâmicas dos namoros às janelas, assim como a presença feminina em face dessas, partimos para a coleta e sistematização das *ocorrências*, presentes nos jornais, que associavam mulheres a localidades específicas. A Error: Reference source not found apresenta os resultados dessa busca, bem como a distribuição dessas alusões frente à temporalidade analisada. De uma maneira geral, é possível perceber um aumento gradativo das acusações de namoros, conforme a passagem do tempo, sendo mais numerosas em cada um dos sucessivos intervalos.

**TABELA 1**  
**Ocorrências relativas às dinâmicas amorosas**

	1850-1870	1870-1890	1890-1910	1910-1930	TOTAL
<b>Namoros nas janelas</b>	5 (1,3%)	88 (22,9%)	135 (35,1%)	156 (40,7%)	384 (100%)

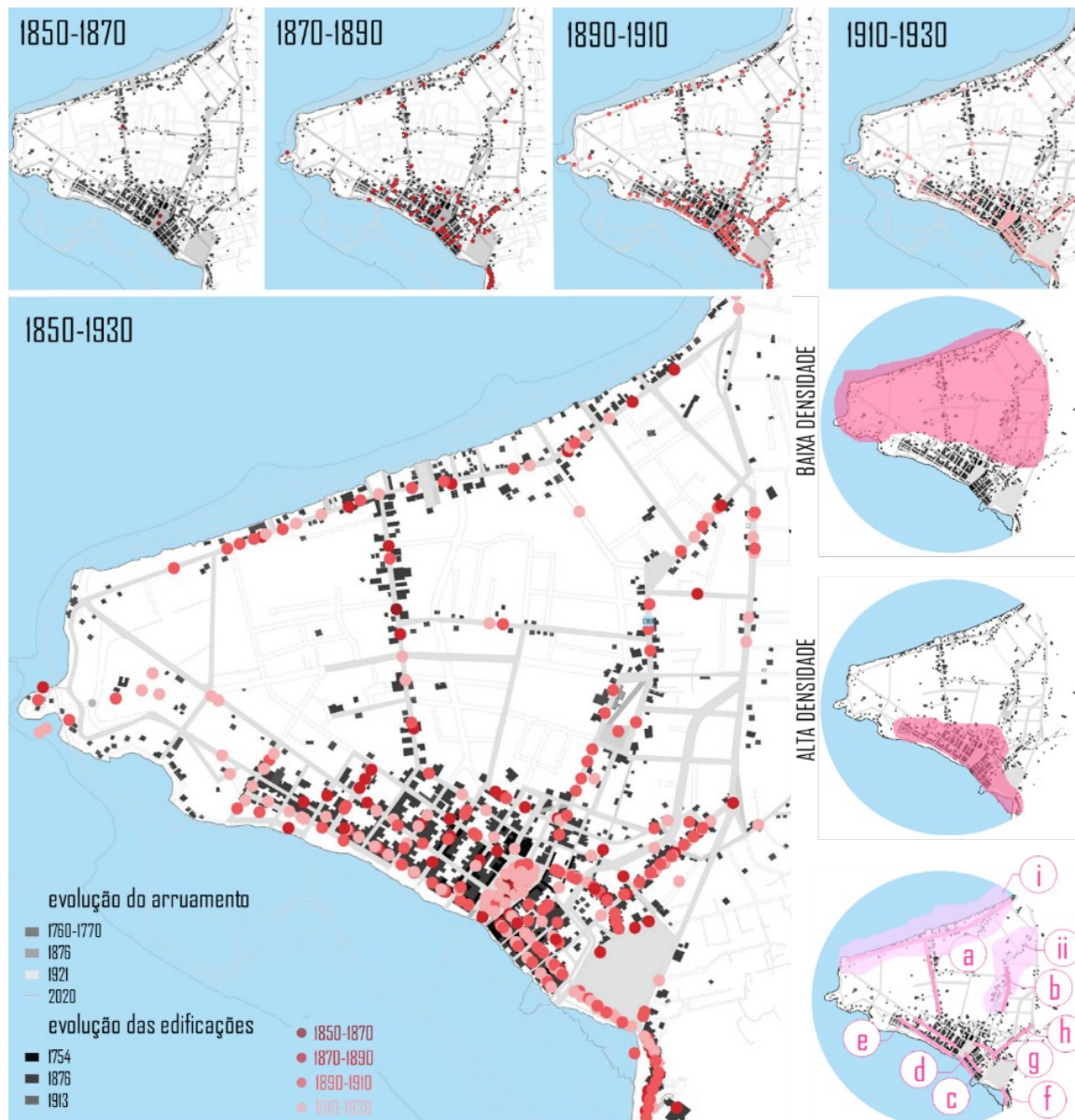
Fonte: Elaboração própria.

Como possível justificativa, baseamo-nos na argumentação de Pedro (1992) de que, nesse período em Desterro, uma série de disputas políticas locais recaíram sobre as mulheres, cuja distinção, além de garantir-lhes um bom casamento, contribuiria com a manutenção das redes de poder. Tais disputas decorriam da diminuição da atividade portuária e da escassez de movimentação financeira ligada ao comércio, o que aumentou as disputas pelos esparsos cargos públicos locais. A indicação a esses dependeria, então, de que a família do nomeado atendesse às exigências da moral e bons costumes, entre elas a existência da *mulher ideal*. Esse papel, idealizado pelo discurso burguês, exigia o arquétipo de mulher dedicada à família, ao marido e ao lar (PERROT, 2007). Em oposição estava a figura do *homem público*, enaltecida por aludir à honra e à virtude cívica, assim como ostensivamente exposto a olhares estranhos (MUXÍ, 2018). Daí a dependência masculina, como também acusa D'inção (2017, p. 229), em relação à imagem traduzida das mulheres perante o seu grupo de convívio. Frente a isso, os jornais teriam assimilado a dinâmica de manutenção das aparências, oportunizando a vigilância e controle de que dependiam as alianças políticas, novas ou existentes, arranjadas segundo a união de diferentes famílias tradicionais.

Em paralelo, em fins do século XIX, a relação das mulheres da elite com a cidade passa por um reordenamento, acompanhando a aceleração da urbanização e modernização das cidades, momento no qual “as mulheres começam a se soltar” (RISÉRIO, 2015, p. 241). Então, idas a parques, lojas e teatros passaram a ser mais frequentes, aumentando a exposição destas em relação aos olhares masculinos e, com isso, exigindo das mulheres das classes mais altas o aprendizado de novos comportamentos que garantissem a manutenção da respeitabilidade e do decoro. Nesse jogo, segundo Pedro (1992), as notícias veiculadas nos jornais locais podiam servir como normativa à padronização dos comportamentos femininos.

Então, assumido o caráter simbólico dessas dinâmicas, procedemos com a distribuição das *ocorrências* de namoros frente ao território da cidade, de modo a apreender as dinâmicas espaciais a eles relacionados. Em função da impossibilidade de localização exata das *ocorrências*, os símbolos foram distribuídos de forma homogênea ao longo da extensão das vias, o que possibilita a comparação entre diferentes ruas, e não as concentrações ao longo destas. Como resultado, apresentamos o Mapa de Territorialidade Amorosas, constante na Figura 5. Sua análise será baseada na divisão do território em duas porções, baseadas em Veiga (1993), que levam em consideração as características quanto ao adensamento das edificações, ou seja, áreas de baixa e áreas de alta densidade. A comparação entre estas e o apontamento de localidades em específico serão discutidos na sequência.

Antes, é necessário refletirmos sobre as possíveis implicações junto à dinâmica urbana para áreas de menor ou maior influência dessas *ocorrências*. Nesse sentido, propomos que o papel ativo das mulheres frente aos jogos amorosos culminava na possibilidade de exercerem o que chamaremos de *territorialidades amorosas femininas*, motivadas quando da escolha de seus pretendentes. O aceite ou recusa dessas mulheres em relação ao parceiro implicaria, então, na instauração de um poder sobre o espaço, o qual condicionaria a experimentação deste pelos rapazes. Tal afirmação está baseada em possíveis constrangimentos resultantes desse jogo, como revelado em uma passagem que afirma existirem vexames pelos quais passam os rapazes, dentre eles “passar por uma janella e ver a moça que o regeitou em casamento (ou o despresou no namoro) e escorregar na rua e cair na lama havendo moças pelas janelas.”<sup>22</sup>



Fonte: Elaboração própria com base em dados cartográficos de (VEIGA, 1993) e na planta cadastral da Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF, 2018).

**FIGURA 5**

**Territorialidades Amorasas em Desterro / Florianópolis**

- Em i – Praia de Fora;
- Em ii – Mato Grosso;
- Em a – Rua Esteves Junior;
- Em b – Rua Almirante Alvim;
- Em c – Rua João Pinto;
- Em d – Rua Tiradentes;
- Em e – Rua Conselheiro Mafra;
- Em f – Rua do Menino Deus; E
- Em g – Rua Fernando Machado;
- Em h – Rua General Bittencourt.

Essa influência feminina, então, poderia estimular ou desestimular a presença masculina em determinadas localidades. Como exemplo, sugerimos a avaliação do relato de um rapaz que, ao descrever sua pretendida, diz que ela “reside numa das Avenidas de nossa capital, onde diversas vezes passo para contemplar o seu esbelto porte.”<sup>23</sup> Ao contrário, a recusa feminina à adesão aos jogos amorosos condicionaria uma repulsa à presença. Nessa disputa, alguns comportamentos poderiam sinalizar tal rejeição, como em “na tronqueira: param deante à janela de uma casa pequena (...) mas a morena faz se surda à voz do bardo; não entreabre a janela.”<sup>24</sup> Quando entendido o sinal de repúdio, a territorialidade feminina exercida rechaça o pretendente, como em “que o Caminha foi dispensado dos passeios da Rua do Menino”<sup>25</sup> e “porque será que o caridozo deixou de passar pela rua Marechal Guilherme?”<sup>26</sup>

Não é possível assegurar que efetivamente tal prática condicionaria a presença ou ausência dos envolvidos acerca das residências das moças, ou se era apenas uma maneira de caçar dos tropeços amorosos dos rapazes locais. No entanto, tal apreensão pode sugerir, ao menos, que certos desconfortos eram experimentados por aqueles que faziam parte dessas dinâmicas amorosas, influenciando não apenas as mulheres às janelas como também fluxos e concentrações masculinos frente ao ambiente urbano.

Para além de uma simples passagem em frente à janela ou até um ponto específico – como “a ronda na Rua Tiradentes”<sup>27</sup> – esses fluxos amorosos influenciados pelas territorialidades femininas representavam, sim, uma permanência estendida no espaço público à época, como sugerido pelas passagens que acusam alguns rapazes de “escorar o poste no Largo 13 de Maio”<sup>28</sup> e ainda servir de “içara para um prédio em construção enfrente a fabrica de Moveis.”<sup>29</sup> A dinâmica das janelas era, portanto, em certo sentido, fator de vitalidade ou desvitalidade urbana, conforme estimulava presença, convívio e interação social ou, ao contrário, esquivações, evitação e distanciamento.

No entanto, esse poder espacial feminino, em função da posição assumida pelas moças, poderia lhes trazer algumas desvantagens, uma vez que, na dinâmica dos namoros às janelas, as moças ocupavam o espaço privado e os rapazes ocupavam o espaço público, elas nos interiores das residências e eles em ruas ou calçadas. Frente a essa afirmação, sugerimos uma assimetria dessas experimentações, posto que o rapaz se beneficiava de uma maior chance de fugir de possíveis julgamentos, pelo fato de que o espaço público tende a ser menos



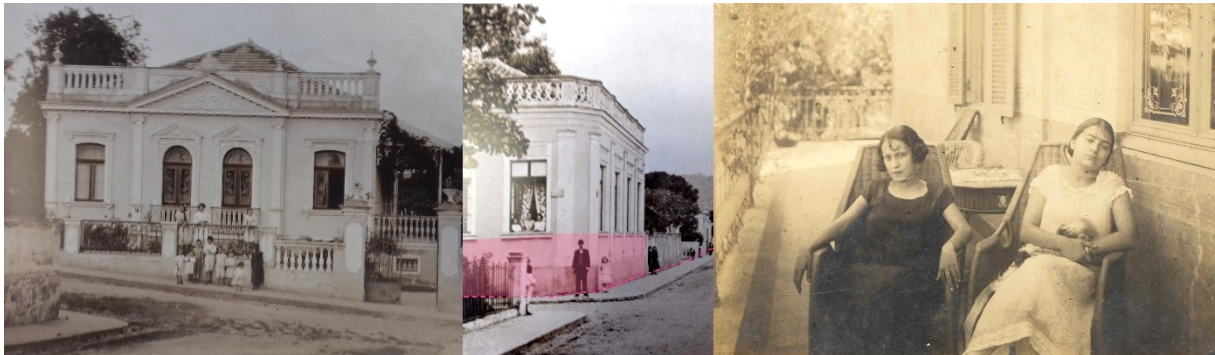
revelador, por inúmeros serem os motivos que justificariam tal presença. Já às moças, encerradas na intimidade das residências, restavam menos pretextos que disfarçassem seus atos.

### *Territorialidades amorosas em locais de baixa densidade*

Em Desterro, no final do século XIX já era possível perceber áreas, frente à extensão total urbanizada, mais valorizadas, ocupadas por famílias tradicionais, cujos recursos lhes proporcionavam habitar localidades mais salubres. As regiões que seguiam tal caracterização eram as localidades da Praia de Fora e Mato Grosso (MÜLLER, 2002; PEDRO, 1992; VEIGA, 1993), respectivamente em “i” e “ii” na Figura 5. A baixa densidade e a distância dos “olhares estranhos” garantiam que as residências representassem um refúgio de silêncio e paz, assim como um ninho (ou prisão) de segurança para a esposa. Invisibilizadas na vida privada, essas mulheres então, ao assumirem o papel da *mulher ideal* (SENNETT, 2014), davam suporte à figura do *homem público* (MUXÍ, 2018).

As imagens organizadas na Error: Reference source not found dão a dimensão de como a forma urbana se adequou ao anseio de distanciamento do espaço público pelas habitações. O afastamento da edificação em relação à rua e às edificações contíguas, assim como a estratégia de elevá-la em relação ao solo – presentes nas imagens à esquerda e ao centro – entre outros fatores, oportunizaram o “surgimento da intimidade” (VEIGA, 1993). Ainda mais enfáticas eram as residências isoladas no lote, como sugere a imagem à direita, na qual percebemos a extensão de uma varanda, cercada de vegetação, a qual deixa claro o anseio em “proteger” as mulheres da elite ao negar-lhes a experimentação da efervescência das ruas, por obstruir a continuidade visual entre espaço privado e público e posicionar ambientes de estar voltados para as laterais ou os fundos dos lotes.

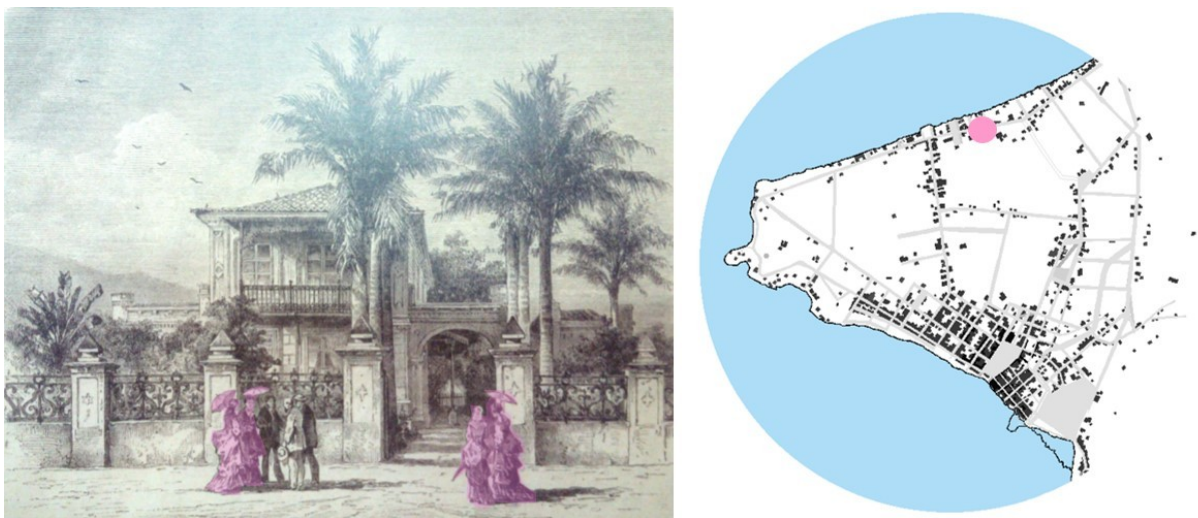
O alcance de tais requisitos era entendido, então, como sinônimo de requinte e virtude. Como exemplo, sugerimos também a observação da cena retratada na Error: Reference source not found, datada de 1885. Nela é possível observarmos a interação de um grupo de pessoas, e dentre elas, algumas mulheres vestidas com elegância e demonstrando “bons modos”, escancarando a intenção do artista em associar a localidade da Praia de Fora à ideia de urbanidade e sofisticação.



**Fonte:** À esquerda, Foto de uma residência – 1918 [GERLACH (2015)]. Ao centro, Baía Norte – 1912 [CORRÊA (2005)]. À direita, Florianópolis (década de 1920) [MODATECA UDESC (2018)].

### FIGURA 6

#### Mulheres e forma urbana – áreas de baixa densidade



**Fonte:** À esquerda, ilustração de Jerolin Freiherrn Von Benko – 1885 – realce pelos autores [GERLACH (2015)]. Ao centro, fotografia atual da edificação [GOOGLE MAPS (2020)]. À direita, localização da edificação na cidade; Fonte: Elaboração própria com base em dados cartográficos fornecidos pela Prefeitura Municipal de Florianópolis [PMF (2018)].

### FIGURA 7

#### Antiga Casa do Barão

No Mapa de territorialidades amorosas (Figura 5), as ruas que possuíam o padrão edilício descrito anteriormente, como a localidade da Praia de Fora e as Ruas Esteves Junior (em “a”) e Almirante Alvim (em “b”), demonstraram, mesmo de maneira sutil, um número de ocorrências relativas às territorialidades amorosas inferior, se comparadas às áreas mais centrais. Nesse sentido, propomos que o distanciamento da edificação em relação à rua, dentre os demais artifícios de preservação da intimidade, poderia amenizar a exposição das moças, dificultando as trocas amorosas entre interior e exterior. No entanto, a presença de *ocorrências* nessas localidades sugere também que, talvez, esse artifício não fosse tão efetivo, visto que não anulava essas oportunidades.

#### *Territorialidades amorosas em locais de alta densidade*

Já os locais onde havia um maior adensamento edilício em função das construções junto ao alinhamento predial e da contiguidade das fachadas, e que estavam situados tanto a leste quando a oeste da Praça XV de Novembro, concentraram a maior parte das ocorrências relativas aos namoros nas janelas. Ainda que, como sugerido anteriormente, tais ocorrências fizessem referência às elites, e que apenas uma parte dessas famílias residissem nas áreas centrais, sugerimos a possibilidade de que tais dinâmicas amorosas tenham invadido classes imediatamente inferiores, tal qual uma emulação. Além disso, sugerimos também que tal assimilação tenha acontecido de forma mais desenvolvida, consequência de uma menor censura, ou da própria forma urbana como facilitadora às trocas amorosas. A Error: Reference source not found demonstra a conformação da área, expressa na contiguidade das edificações e na proximidade destas em relação à rua.

Consequência da prosperidade das elites locais (CABRAL, 1979), as edificações assobradadas presentes nessas áreas – cujo comércio ocupava a parte inferior e a residência a parte superior – buscavam também proporcionar uma maior privacidade à família e, como consequência, esgarçavam a relação entre as mulheres e o ambiente urbano (GRAHAM, 1992). Sobre elas, Pedro (2017, p. 285) comenta que “por entre os móveis e cortinas, no andar superior do sobrado, deveria caminhar uma mulher especial, cujas imagens os jornais delineavam”. No entanto, tais espaços não foram capazes de barrar os avanços amorosos, como sugerem as passagens que acusam “que o Ewaldo Nuno faz exercícios todas as noites olhando

para o alto da Padaria Moritz,” ou ainda, outro indivíduo que “anda com o pescoço dolorido de tanto olhar para um sobrado na Rua Tiradentes.”<sup>30</sup>



Fonte: À esquerda, (sem título) [GERLACH (2015)]. Ao centro, Casa de Ribeiro e Co – Rua Altino Correia – 1910 [GERLACH (2015)]. À direita, (sem título) [GERLACH (2015)].

### FIGURA 8

#### Mulheres e forma urbana – áreas de alta densidade

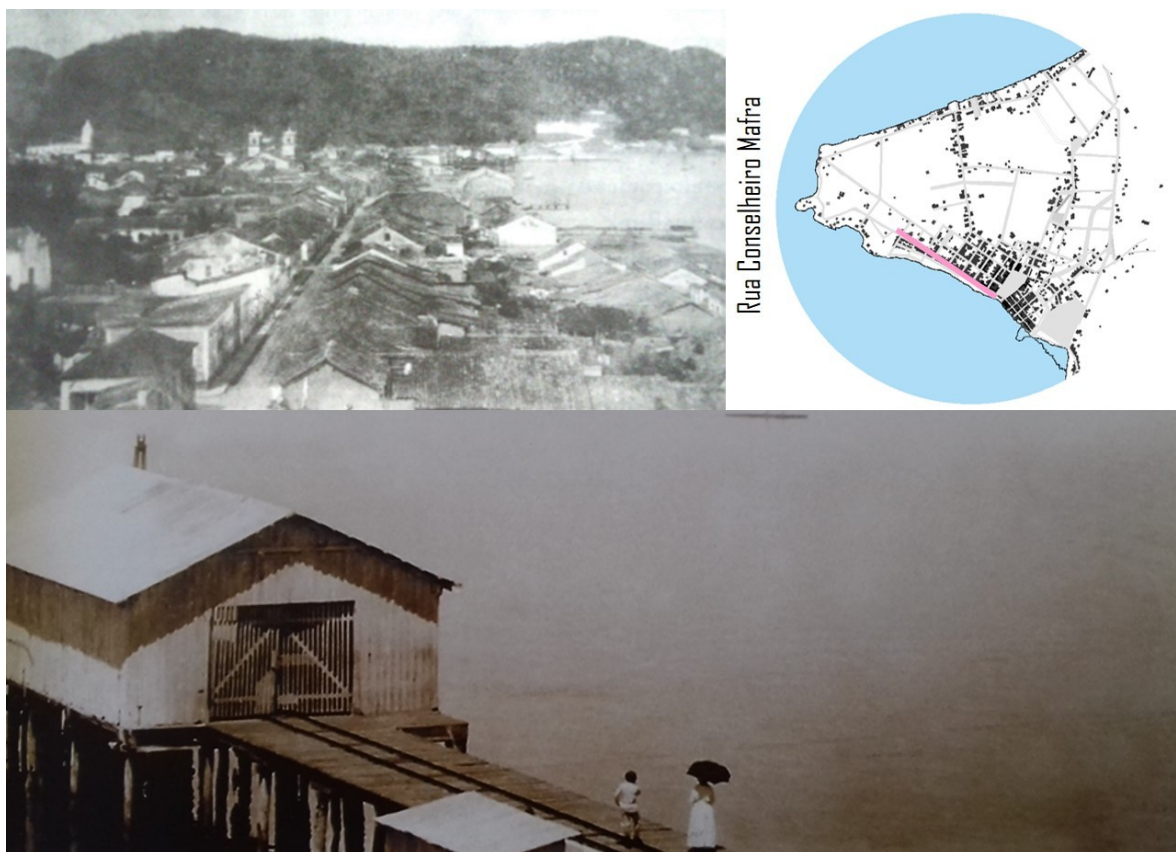
Quanto à porção a leste da praça, podemos dizer que tiveram destaque as ruas João Pinto e Tiradentes (respectivamente em “c” e “d” da Figura 5). Segundo Müller (2002), em ambas prevaleciam edificações assobradadas, sendo que a primeira tinha um caráter sobretudo comercial e a segunda um caráter predominantemente residencial. Ambas compartilham características morfológicas semelhantes, como densidade das edificações e características da via, porém características funcionais divergentes. O fato de possuírem quantidade de alusões a namoros bastante semelhantes sugere que não necessariamente o caráter comercial poderia influenciar numa maior ou menor exposição das mulheres que ali residiam.

Ainda sobre a possível influência do caráter comercial em relação às espacialidades femininas, sugerimos a observação da Rua Conselheiro Mafra (em “e” na Figura 5), localizada a oeste da Praça XV de Novembro e retratada na Error: Reference source not found, a qual se destacou, também, em relação à quantidade de ocorrências a ela associadas. A localidade se particularizou frente à totalidade dos relatos em função da maneira mais respeitosa com que eram referenciadas as moças que ali se envolviam nas dinâmicas amorosas, como em “as distintas moças da Rua Conselheiro Mafra”<sup>31</sup> ou as “senhorinhas residentes à Rua Conselheiro Mafra.”<sup>32</sup> O local havia experimentado uma remodelação quanto ao perfil de suas



edificações (PEDRO, 1995), acomodando novas edificações assobradadas, resultantes da prosperidade das atividades portuárias entre 1850 e 1880 (VEIGA, 1993).

Ainda sobre a Rua Conselheiro Mafra, Coradini (1995) afirma que se tratava de uma localidade onde se concentravam as lojas voltadas a artigos de navegação, e, portanto, a autora afirma que o local tinha um caráter majoritariamente masculino. Da mesma maneira, no trabalho de Cabral (1971) é possível observar a mesma afirmação, sob o argumento de que as lojas de artigos náuticos e armadores funcionavam como local de troca de informações, fofocas e boatos, associados, em sua maioria, a uma dinâmica masculina. Os trapiches, vinculados à Rua Conselheiro Mafra e, também, representados na Error: Reference source not found, nos dão a noção da atmosfera dessa região, que concentrava espaços de armazenamento e movimentação de produtos.



**Fonte:** À esquerda, acima, Rua Conselheiro Mafra e o mar – 1890 [CORRÊA (2005)]. À direita, situação frente à malha urbanizada [Elaboração própria com base em dados cartográficos fornecidos pela Prefeitura Municipal de Florianópolis – PMF (2018)]. Abaixo, região dos trapiches [GERLACH (2015)].

**FIGURA 9**

**Rua Conselheiro Mafra e a região dos trapiches**

Apesar disso, a Rua Conselheiro Mafra, mesmo se considerada sua maior extensão em relação às demais, concentrou um número significativo de alusões a territorialidades amorosas. Nesse sentido, a fotografia, ao retratar uma personagem feminina frente a esse cenário de “caráter masculino”, insinua que outros significados são possíveis frente à narrativa uniformizante. Ou seja, é possível propor a existência de uma sobreposição, literal, de duas espacialidades, a primeira definida pela presença física masculina ao nível do térreo de caráter comercial, e a segunda definida por uma presença de um “fluxo de desejos” na direção dos andares superiores das edificações. Se o observador elevasse o olhar ao segundo andar dos sobrados poderia enxergar a potencialidade daquelas janelas como espacialidades geridas pelos interesses amorosos das moças.

Essa dinâmica se assemelha e se justifica ao compararmos a sugestão acima à descrição de Damatta (1987, p. 35), segundo a qual “a sociedade brasileira se singulariza pelo fato de ter muitos espaços e muitas temporalidades que conviviam simultaneamente.” No entanto, é possível dizer que em certos momentos essa convivência gera assimetrias no momento da negociação, justamente por não ser o espaço uma estrutura “coerente e contínua”, como sugere Massey (2008, p. 31). Por esse motivo, talvez, se tenha perpetuado no imaginário local, devido à recuperação dos autores acima citados, que a Rua Conselheiro Mafra seria uma “espacialidade masculina.” As territorialidades amorosas seriam, então, uma alternativa a essa narrativa, evidenciando uma oportunidade de manifestação feminina na construção da paisagem urbana.

Outras localidades, não contíguas às áreas centrais mais consolidadas, mas ainda assim próximas a elas, também demonstraram a ocorrência de um número significativo de territorialidades amorosas. São elas a Rua do Menino Deus (em “f” na Figura 5), Rua Fernando Machado (em “g”) e Rua General Bittencourt (em “h”). Em comum, o que se pode dizer em relação às três seriam a densidade relativa e a proximidade entre as edificações semelhantes, o que caracterizava uma carência de interstícios desocupados, como é possível perceber no mapa.

A Rua Felipe Schmidt, paralela à Rua Conselheiro Mafra, conforme Error: Reference source not found, por outro lado, chamou a atenção quanto à brevidade das ocorrências que acusavam possíveis territorialidades amorosas, ainda que tal rua possuísse características semelhantes às de áreas contíguas a ela. Uma possível justificativa reside na conformação quanto ao padrão da massa edificada,



pois, se observarmos o mapa, podemos perceber que o alinhamento das testadas das edificações é pouco consolidado, e o volume construído nas quadras tem, em sua maioria, as testadas voltadas para as ruas transversais. Tal característica diverge do padrão principal encontrado, de que as *ocorrências* de territorialidades amorosas estão mais concentradas nas ruas paralelas ao mar, em detrimento das ruas transversais.



**Fonte:** Fotografia anterior ao seu alargamento [BRÜGGEMANN (2013)]. À direita, situação frente à malha urbanizada [Elaboração própria com base em dados cartográficos fornecidos pela Prefeitura Municipal de Florianópolis – PMF (2018)].

### FIGURA 10

#### Rua dos Moinhos de Vento, atual Rua Felipe Schmidt

#### *Territorialidades amorosas expandidas*

Apesar da previsibilidade das janelas, encontramos relatos que diziam que as territorialidades amorosas acabavam por extrapolar as cercanias das mesmas, sobretudo uma passagem que diz que “os namorados nunca se conformam em conversar na janela, sempre estão assustados, procuram mais os passeios ou os jardins para se distraírem melhor.”<sup>33</sup> Ou seja, é possível sugerir também que, envolto a cada uma das *ocorrências* amorosas existia um raio de abrangência para a atuação dos namorados, conformando uma territorialidade expandida das moças, ações que exigiam que essas mulheres evadissem o espaço privado, ainda que acompanhadas.

Dessas territorialidades complementares, as esquinas se destacaram como locais priorizados pelos amantes – ou “os célebres lampeões de esquina”<sup>34</sup> – como

sugerido por “em todos os lugares é a esquina escolhida para o ponto dos namorados.”<sup>35</sup> Sobre as esquinas ou cantos,<sup>36</sup> sugerimos que tal preferência decorria de suas características espaciais, posto que posicionar-se junto a elas potencializava o alcance da visibilidade. Tal característica facilitava que rapazes e moças usufríssem dessa posição estratégica para disfarçar seus atos ou antever a vigia daqueles que poderiam repreendê-los, como a possibilidade de “chegar uma vizinha á janella, em ocasião em que se está fazendo acionado o namoro.”<sup>37</sup>

Ao nos basearmos na provocação de De Certeau (2007, p. 212), de que os praticantes do espaço “repartem lugares entre si ao mesmo tempo que predicados,” a presente pesquisa partiu da inquietação de que outras possibilidades de significado poderiam estar associadas às espacialidades das janelas. Nesse sentido, percebemos que, enquanto a presença de mulheres jovens à janela era sinal de disponibilidade amorosa, para mulheres mais velhas tal atuação era sinal de que estavam “cuidando da vida alheia”, como sugerido em “embirro... com certa viúva (...) por cuidar da vida alheia (...) por estar de porta todos os dias. É ser vadia...”<sup>38</sup> Ou ainda, que as janelas poderiam representar, para as mulheres pobres, a obrigação de seu ofício, pois era através delas que muitas dessas mulheres comercializavam seus produtos (GRAHAM, 1992). Infelizmente, apesar de essas mulheres, sobretudo negras empobrecidas, terem no espaço público “um repertório mais rico de relações sociais do que as senhoras dos sobrados” (RISÉRIO, 2015, p. 220), pouco restou sobre o cotidiano dessas mulheres que possibilitasse efetivamente descrevê-los. Então, devido à “invisibilidade” destas perante as narrativas dos jornais (MORGA, 1996), imprime-se uma dificuldade em revelar outras possibilidades de significação feminina da paisagem, as quais, potencialmente, alcançariam um caráter transgressor em relação às contribuições femininas de elite à paisagem urbana, justamente por não estarem alinhadas às normativas impostas às mulheres, ao contrário da alternativa que restava às moças que namoravam nas janelas, descritas no presente trabalho.

### **Considerações finais**

A busca nos jornais por passagens que sugerissem formas de experimentação e influência femininas em relação à cidade revelou formas por meio das quais algumas mulheres puderam se tornar colaboradoras na construção da paisagem urbana de Desterro / Florianópolis. Infelizmente, tal manifestação

baseava-se em uma representação feminina, mais do que na atuação e presença das mulheres em si, e tinha como objetivo enaltecer, sobretudo, as dinâmicas nas quais se operavam formas de opressão às mulheres, em sua sujeição às narrativas masculinas.

Então, se a adesão aos jogos amorosos às janelas aproximava as mulheres do espaço público, visto a exposição aos olhares estranhos, podemos sugerir que a experimentação do espaço por essas mulheres adquiria um caráter licencioso quando associado às dinâmicas amorosas. Ou seja, as mulheres experimentariam uma maior desenvoltura frente ao espaço no momento em que os beneficiados nesse processo seriam os próprios homens. Por esse motivo, sugerimos as disponibilidades amorosas como interventoras principais quanto aos afrouxamentos e retraimentos das normativas comportamentais que recaíam sobre essas moças, diluindo a simbologia que circundava a *mulher ideal*. Propomos ainda que tais dinâmicas, baseadas nas expectativas amorosas masculinas, além de definir a desenvoltura urbana feminina à época estudada, culminam numa estrutura que subsidia, por exemplo, a maneira como as mulheres experimentam o espaço urbano contemporâneo, pois a presença feminina nas cidades ainda é interpretada, como acusa Monnet (2013), como sinal de disponibilidade sexual.

As representações femininas emprestadas à construção da paisagem urbana diziam respeito, então, a versões – ou expectativas – estereotipadas das mulheres, evidenciando que a paisagem incorporava alguns aspectos em detrimento de outros e revelando sua parcialidade, como também sugere Bondi (1992), em materializar no espaço as dinâmicas sociais que sobre ela se operam. Apesar disso, entendemos que o conteúdo representacional identificado pelo presente artigo se mostra um instrumento relevante na recuperação de contribuições femininas em relação à cidade, posto que, mesmo que fossem relativas somente ao imaginário popular – masculino – também influenciaram o significado da paisagem urbana, mesmo sem a validação das mulheres envolvidas. Esperamos, com isso, expandir o tecido que define quais aspectos possuem relevância na construção da história urbana, fornecendo as brechas necessárias para que outras temáticas, até então secundárias, possam se tornar evidentes, e com isso, revelar novas possibilidades de pesquisa e entendimento quanto à temática das cidades, sobretudo aquela relativa ao gênero na evolução da paisagem urbana.

## NOTAS

- . Para as transcrições das passagens retiradas dos jornais, optamos por manter a grafia original das palavras.
- <sup>2</sup>. Os exemplares compõem o acervo da Hemeroteca Digital Catarinense.
- <sup>3</sup>. Baseado em Veiga (2010).
- <sup>4</sup>. Dessas, 3.652 para o período de 1850 a 1870, 6.301 para o período de 1870 a 1890, 5.326 para o período de 1890 a 1910 e 5.360 para o período de 1910 a 1930.
- <sup>5</sup>. Dentre as variações estariam, moça, deidade, menina e pequena.
- <sup>6</sup>. São exemplos desses títulos potenciais “diz-se por ahi”, “dizia-se baixinho” e “fatos e boatos”.
- <sup>7</sup>. Foram extraídos três mapas do trabalho de Veiga (2010), relativos aos anos de 1760-1777, 1876 e 1921.
- <sup>8</sup>. Com base nos mapas de 1754-1764, de José Custódio de Sá e Faria, de 1876, de Pereira Lago e da Planta da Cidade, de 1916.
- <sup>9</sup>. Em *O Azar* de 07/05/1911.
- <sup>10</sup>. Em *A Sogra* de 30/08/1925.
- <sup>11</sup>. Em *O Bisturi* de 09/04/1916.
- <sup>12</sup>. Em *A Distracção* de 08/05/1892.
- <sup>13</sup>. *A Casaca* de 30/04/1911.
- <sup>14</sup>. *O Mosquito* de 17/06/1888.
- <sup>15</sup>. *O Santelmo* – edição 23 de 1858.
- <sup>16</sup>. *O Mosquito* de 14/10/1888.
- <sup>17</sup>. *O Mosquito* de 28/07/1888.
- <sup>18</sup>. *O Espião* de 22/04/1917.
- <sup>19</sup>. *O Mosquito* de 1888.
- <sup>20</sup>. *A Aurora* de 24/08/1902.
- <sup>21</sup>. *O Bisturi* de 01/09/1910.
- <sup>22</sup>. Periódico da *Semana* de 21/11/1864.
- <sup>23</sup>. *A Semana* de 17/05/1925.
- <sup>24</sup>. *A Tesoura* de 19/12/1902.
- <sup>25</sup>. *Oh! Ferro* de 03/02/1901.
- <sup>26</sup>. *O Dente* de 29/08/1902.
- <sup>27</sup>. *A Tesoura* de 29/01/1911.
- <sup>28</sup>. *A Chaleira* de 03/03/1912.
- <sup>29</sup>. *O Mosquito* de 09/01/1927.
- <sup>30</sup>. *A Casaca* de 30/04/1911.
- <sup>31</sup>. *A Tesoura* de 1916.
- <sup>32</sup>. *A Tesoura* de 20/02/1916.
- <sup>33</sup>. *Jornal O Domingo* de 1921.

- <sup>34</sup>. *A Mortalha* de 21/08/1904.
- <sup>35</sup>. Em *O Bisturi* de 09/04/1916.
- <sup>36</sup>. Canto da Praça 17 de Novembro e Canto do Largo 13 de Maio, ambos em *O Bisturi* de 09/04/1916.
- <sup>37</sup>. Periódico da *Semana* de 21/11/1864.
- <sup>38</sup>. *A Matraca* de 04/03/1883.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, J. D. *Senhora*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1875.
- BONDI, L. *Gender symbols and urban landscapes*. *Progress in Human Geography*, 1992, p. 157-170.
- CABRAL, O. *Desterro*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.
- CHARTIER, R. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CORADINI, L. *Praça XV: espaço e sociabilidade*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1995.
- CORRÊA, C. H. *História de Florianópolis Ilustrada*. Florianópolis: Insular, 2005.
- COSTA, A. B. D. A.; SEABRA, M. C. T. C. D.; SANTOS, M. M. D. D. S. Nomes de lugar na dinâmica do antigo regime: antropotopônimos em Minas Gerais, Séc. XVIII. *Revista de Ciências Humanas*, p. 500-5015, 2014.
- D'INCÃO, M. Â. Mulher e família burguesa. In: PRIORI, M. D. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2017, p. 223-240.
- DAMATTA, R. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FERRARA, L. D. *Leitura sem palavras*. São Paulo: Ática, 2004.
- FOUCAULT, M. Outros espaços. In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos*. [S.l.]: [s.n.], 2001, p. 411-422. v. 3.
- GERLACH, G. *Ilha de Santa Catarina*: Florianópolis. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2015.
- GRAHAM, S. L. *House and street: the domestic world of servants and masters in nineteenth-century Rio de Janeiro*. Austin: University of Texas, 1992.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.
- HAYDEN, D. *The power of place: urban landscape as public history*. [S.l.]: The MIT Press, 1995.
- HEMEROTECA DIGITAL CATARINENSE. *A Hemeroteca Digital Catarinense*. Florianópolis, [2020]. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/>. Acesso em: 11 nov. 2020.

ITAÚ CULTURAL. Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. *O Aqueduto da Rua de Matacavalos*. São Paulo: Itaú Cultural, 2021.

JACQUES, P. B. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2014.

KESSLER, M. Dusting the surface, or the bourgeoisie, the veil, and Haussmann's Paris. In: D'SOUZA, A.; MCDONOUGH, T. *The invisible flâneuse? Gender, public space, and visual culture in nineteenth-century Paris*. Vancouver: Manchester University Press, 2008, p. 49-64.

LEFEBVRE, H. *A produção do espaço*. [S.l.]: [s.n.], 2006.

MASSEY, D. *Pelo espaço*. Rio de Janeiro: B. Brasil, 2008.

MEYER, E. D. C. La Donna è mobile: aoraphobia, women, and urban space. In: AGREST, D.; CONWAY, P.; WEISMAN, L. *The Sex of architecture*. [S.l.]: [s.n.], 1996, p. 141-156.

MORGA, A. E. Olhares masculinos e modos femininos: a mulher sedutora nos relatos dos viajantes. *Textos e Debates*, p. 16-36, 1996.

MORGA, A. E. *Práticas afetivas femininas em Nossa Senhora do Desterro no século XIX*. Manaus: EDUA, 2017.

MÜLLER, G. R. R. *A Influência do urbanismo sanitarista na transformação do espaço urbano em Florianópolis*. Florianópolis: [s.n.], 2002.

MUXÍ, Z. *Mujeres, casas y ciudades: más allá del umbral*. Barcelona: DPR, 2018.

PEDRO, J. M. *Mulheres honestas e mulheres faladas*. São Paulo: USP, 1992.

PEDRO, J. M. *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro no século XIX*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995.

PEDRO, J. M. Mulheres do sul. In: PRIORI, M. D. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2017, p. 278-321.

PEREIRA, I. *As decaídas: mulheres no cotidiano de Florianópolis (1900-1940)*. Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em História) - . Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.

PERROT, M. *Mulheres públicas*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS - PMF. *Arruamento de Florianópolis*. Florianópolis, 2018.

RAGO, M. *Gênero e história*. Compostela: CNT, 2012.

RISÉRIO, A. *Mulher, casa e cidade*. São Paulo: Editora 34, 2015.

ROVARIS, C. *Narrativas sobre a diáspora africana no ensino de história: trajetórias de africanos em Desterro/SC no século XIX*. Florianópolis: UDESC, 2018.

SCOTT, J. *Gender: a useful category of historical analyses*. New York: Columbia University Press, 1989.



SENNETT, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

VEIGA, E. V. D. *Florianópolis memória urbana*. Florianópolis: [s.n.], 1993.

WILSON, E. *The Sphinx of the city: urban life, the control of disorder, and women*. Los Angeles: University of California Press, 1992.

**Odila Rosa Carneiro da Silva** é Professora Colaboradora do Departamento de Design da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestra em Engenharia Civil pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

**Renato Tibiriçá de Saboya** é Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutorado em Engenharia Civil (Cadastro Técnico Multifinalitário e Gestão Territorial) pela UFSC. Mestre em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico –, nível 2.

**Como citar:**

SILVA, Odila Rosa Carneiro da; SABOYA, Renato Tibiriçá de. A imprensa escrita e a espacialidade das trocas amorosas femininas em Desterro / Florianópolis (1850-1930). *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 17, n. 2, p. 260-286, jul./dez. 2021. Disponível em: [pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br).